

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO:

PROFESSOR, VOCÊ TEM MEDO DE QUÊ?

TEACHER EDUCATION AND INFORMATION TECHNOLOGY AND COMMUNICATION: TEACHER, ARE YOU AFRAID OF WHAT?

Ivanildo Amaro de Araújo*

Resumo

No contexto das velozes alterações tecnológicas no qual nos encontramos neste século XXI, algumas exigências se impõem e atingem diretamente mudanças na formação de professores. No espaço da universidade, essa formação deve se sustentar numa sólida formação teórica articulada com as capacidades de intervir de modo crítico na realidade cotidiana dos espaços formativos. A escola é um desses espaços. É fundamental que receios, medos, temores das tecnologias da informação e da comunicação possam ser dirimidos no sentido de tornar o professor um profissional capaz de avançar na construção dos conhecimentos de forma criativa, crítica e autônoma. Este texto objetiva relatar, refletir e pôr em discussão a utilização das tecnologias da informação e da comunicação que supere a visão instrumental, mecanicista e acrítica do uso de tecnologias na educação. Esta reflexão parte de uma experiência em andamento na FEBF/UERJ (Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) em que os pedagogos em formação, articulando princípios teóricos e práticos, constroem uma rede de interações epistemológicas a partir da reflexão crítica e do manuseio dos instrumentos tecnológicos digitais.

Palavras-chave: Formação de Professores, Tecnologias da Informação e da Comunicação, Conhecimento e Aprendizagem.

Abstract

In the context of fast technological change in which we find ourselves in this century, some requirements are necessary and directly affect changes in teacher education. Within the university, this training must be sustained on a solid theoretical background combined with the ability to act critically in everyday reality of space training. The school is one of those spaces. It is essential that concerns, fears of information technology and communication can be solved to make the teacher a professional able to advance the construction of knowledge in a creative, critical and autonomous. This paper aims to describe, reflect and debate on the use of information technology and communication that goes beyond the instrumental view, mechanical and uncritical use of technology in education. This discussion is an ongoing experiment in FEBF / UERJ (Baixada Fluminense College of Educations, State University of Rio de Janeiro) in which teachers in training, combining theoretical principles and practical build a network of interactions from the epistemological reflection critical and handling of digital technology tools.

Key words: Teacher Training, Information and Communication, Technology, Knowledge and Learning.

I Primeiras Palavras...

*O mundo vai girando cada vez mais veloz
A gente espera do mundo e o mundo espera de nós
Um pouco mais de paciência...*

(Lenine)

Ao longo dos últimos 30 anos, as mudanças em torno das inovações tecnológicas têm sido abissais. *Ipod, i-phone, bue-ray, MP 3, MP 4, MP, MSN, Hotmail, Orkut, Google, Microsoft* são palavras que já fazem parte do cotidiano de nosso neovocabulário tecnológico. Entretanto, vivemos, talvez com a mesma velocidade, contraditórias experiências que contam com as tecnologias da informação e da comunicação no espaço da escola e, principalmente, de nossas salas de aula na educação básica e na graduação. Este contexto impõe ritmos novos, possibilidades e dimensões diferenciadas nas ações de educar/ensinar/aprender (Kenski, 2006; Lion, 1997; Moran, 2000). Isso implica mudanças sobre as concepções de escola, sala de aula, trabalho docente, formação de professores. Questionamentos ecoam de professores, gestores, técnicos, funcionários, pais e alunos: como acompanhar mudanças tão rápidas, tão velozes?

Dentro dessa perspectiva, levantamos possíveis questões que problematizam o domínio e o uso crítico de tecnologias digitais por parte de professores em seu processo de formação: como

utilizar as tecnologias da informação e de comunicação no contexto das aprendizagens de forma eficiente e que produza uma melhoria no desenvolvimento e na aprendizagem de nossos alunos? É, realmente, necessário o uso das tecnologias no âmbito da sala de aula? Será que não estamos dando poder demais às tecnologias digitais? Como podemos trabalhá-las de forma crítica e compreendendo que são instrumentos de auxílio ao trabalho pedagógico?

Tais indagações direcionaram nossa reflexão acerca do uso de tecnologias na formação de professores. Um dos aspectos contraditórios que presenciamos é o fato de nossos alunos de pedagogia chegarem à faculdade com alguns conhecimentos no manuseio do aparato tecnológico disponível. Por outro lado, apesar de pertencerem à geração digital, há alunos que chegam com conhecimento incipiente a respeito das tecnologias digitais. O que nos chama a atenção, também, é o conjunto de alguns relatos que nos chegam por meio das observações que nossos alunos fazem nas redes municipais circunvizinhas em que realizam seus estágios: as escolas maiores, normalmente, apresentam laboratórios de informática, porém são pouco utilizados. Muitos de nossos alunos que já atuam como docentes das séries iniciais do Ensino Fundamental também relatam alguns percalços: a ausência de um “técnico” para dar suporte, a formação precária e a ausência de projetos de formação continuada para utilização das tecnologias digitais, os receios e temores em aprender a manusear o computador, as resistências às novas tecnologias, a falta de projetos pedagógicos e o desconhecimento das possibilidades pedagógicas que envolvam o uso de tais tecnologias e, dentre outras, as condições precárias de acesso e conexão dos computadores à internet. Os temores, os receios e as resistências parecem estar relacionados à ideia de que as “máquinas” substituirão o trabalho do professor e se mostra bastante presente nos espaços escolares. Para Assmann (2005),

em muitos ambientes escolares persiste o receio preconceituoso de que a mídia despersonaliza, anestesia as consciências e é uma ameaça à subjetividade. A resistência de muitos (as) professores (as) a usar solitamente as novas tecnologias na pesquisa pessoal e na sala de aula tem muito a ver com a insegurança derivada do falso receio de estar sendo superado/a, no plano cognitivo, pelos recursos instrumentais da informática. Neste sentido, o mero treinamento para o manejo de aparelhos, por mais importante que seja, não resolve o problema (p. 14).

Dentro dessa perspectiva, compreendemos que o trabalho docente ganha relevância quando possibilita a conquista de autonomia em sua tarefa cotidiana. Isso significa que seu papel ultrapassa os limites da cultura do “consumidor de conhecimentos”, ou a mera transmissão destes, para uma cultura do “produtor de conhecimentos”, ou seja, o professor se desenvolve, também, como mentor, como instigador ativo de uma rede de conhecimentos que articula os demais sujeitos aprendentes numa dinâmica de pesquisa/conhecimento/aprendizagem colaborativa. Apesar do movimento que se vem fazendo no sentido de inserir os docentes no universo das tecnologias da informação e da comunicação, consideramos as medidas tomadas pela escola ainda insuficientes para lidar com as novas gerações. Nossa intenção é discutir alguns mitos que envolvem as dificuldades no manuseio e na compreensão/apreensão crítica dessas ferramentas como instrumentos disponíveis para avançarmos no conhecimento e desenvolvimento humano e, conseqüentemente, superarmos um quadro inequívoco de fracasso escolar que ainda se alastra em nosso país e que ainda parte de práticas conservadoras com o intuito de formar pessoas obedientes, corpos e mentes quietos e dóceis.

Até bem pouco tempo atrás, discutia-se a importância de se utilizarem adequadamente diversos recursos tecnológicos em sala de aula: TV, videocassete, retroprojetores, projetor de slides etc.

Estes, para boa parte das escolas públicas, continuam sendo os únicos recursos disponíveis, quando existem e funcionam (Moran, 2000). Por outro lado, é notória a inserção de outros recursos, como o computador, no âmbito da escola. Temos clareza de que a discussão sobre o seu uso não pode se restringir, exclusivamente, à utilização dos processadores de texto, como é realizado em escolas de educação básica e na formação de professores. Tendo em vista a necessidade de inserirmos e aprofundarmos os debates sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação na formação de professores dentro de uma perspectiva crítica, o presente texto propõe-se realizar uma reflexão sobre os conflitos que envolvem os sujeitos em formação e o uso das ferramentas tecnológicas para além das práticas instrumentais e mecânicas.

Nossa experiência iniciou-se no ano de 2009 com, aproximadamente, 150 alunos e alunas do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, unidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), localizada no município de Duque de Caxias-RJ. Os objetivos eram: a) inserir os graduandos do curso de Pedagogia no manuseio de ferramentas e no aprofundamento das possibilidades epistemológicas das tecnologias digitais; b) promover a reflexão crítica dos impactos/influências dessas tecnologias na educação e no processo de ensino de língua materna, ampliando os processos de compartilhamento e de produção de conhecimentos, formando, assim, uma rede de aprendizagem colaborativa; e c) experienciar a avaliação formativa no processo de formação a partir da elaboração de portfólios eletrônicos ancorados em *blogs*.

Apresentaremos como se deu o início da vivência referindo-nos aos textos que nos direcionaram para sua realização. Isso significa apresentar os objetivos do estudo e a metodologia em curso. Em seguida, focalizaremos os contextos em que essa construção aconteceu e, por fim, apontaremos alguns intertextos em que alguns achados já apontam para a construção de alguns referenciais teóricos e práticos mais amplos na direção de expandirmos nossa compreensão acerca dos impactos do uso das tecnologias da informação e da comunicação que poderão advir dessa experiência.

A proposta se sustentou no princípio de romper com um modelo meramente receptivo – cultura do *download*, consumo – de conhecimentos para a constituição da cultura do *upload*, produção – de conhecimentos. Os alunos foram orientados para que cada um construísse um *blog* para ancorar as produções referentes à disciplina. Os resultados, mesmo que preliminares, já indicam que o uso do *blog* como instrumento no processo de construção do conhecimento vem contribuindo para sistematizar conhecimentos antes dispersos, estabelecer maior relação entre teoria e prática, formação do sujeito-autor/sujeito-produtor, autonomia nas decisões sobre a própria aprendizagem, descoberta e manuseio de diversos recursos multimidiáticos (vídeos, *slides*, gravações, produção de vídeos), integrar linguagens múltiplas, ampliar a capacidade de leitura, de compreensão e de reflexão sobre aspectos teórico-práticos, além de fortalecer um ambiente epistemológico colaborativo.

2 Medos e Segredos: descortinando o universo das tecnologias da informação e da comunicação na formação de professores

No início do projeto, havia uma preocupação em caminharmos numa direção em que desenvolvêssemos uma avaliação que se coadunasse com o paradigma formativo transformador e que se distanciasse da visão conservadora, essencialmente cartesiana e classificatória, ainda reinante na educação básica e, também, no ensino superior. Ao criarmos o Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação, Currículo e Trabalho Pedagógico, o debate se aprofundou com a necessidade de vivenciarmos um processo de avaliação formativa, já que o grupo vem discutindo essa temática desde seu nascimento. Dessa forma, optou-se por trabalhar com o portfólio

eletrônico. O portfólio, como procedimento de avaliação formativa, vem sendo utilizado em algumas universidades brasileiras e internacionais, principalmente na formação de professores (Villas Boas, 2002, 2004; Sá-Chaves, 1998, 2005; Grilo e Machado, 2005; Easley e Mitchell, 2003), evidenciando bons resultados. Essa estratégia avaliativa permite ao estudante a vivência de processos alternativos em seu processo de formação para que, ao se deparar com uma sala de aula, possa desenvolver uma avaliação também formativa. Como estratégia de avaliação nos cursos de formação de professores, ele é considerado como o conjunto de produções que representem o percurso de constituição dos conhecimentos específicos das diversas áreas do currículo e as evidências de aprendizagens dos alunos. Villas Boas (2004) afirma que o portfólio apresenta possibilidades que permitem a explicitação das identidades dos sujeitos à medida que expressa seu processo de aprendizagem e promove a autonomia no pensar e na (re) elaboração dos conhecimentos. Nele, são registrados processos constituintes de sua história de vida: seus pensares, seus fazeres, suas experiências, suas vivências, suas impressões. Isso implica que “ninguém tem motivo para se esconder, para se retrair. O trabalho de todos é encorajado e orientado para o alcance dos objetivos propostos, que são do conhecimento de todos” (Villas Boas, 2004, p. 42). Outro aspecto relevante é que facilita a junção entre teoria/prática à medida que leva o futuro professor (ou aquele que já atua) a refletir sobre a avaliação que desenvolverá no exercício de sua profissão (Barton e Collins 1993 *apud* Simão, 2005, p. 88).

A partir dessas definições, consideramos necessário incentivarmos os alunos a participarem da produção de conhecimentos e, ao mesmo tempo, ampliarem suas capacidades de uso das tecnologias, levando-nos a implementar uma alternativa de portfólio que se inscrevesse no uso dos aparatos inovadores dessas tecnologias no desenvolvimento dos principais objetivos de aprendizagem das disciplinas sob a minha coordenação. A primeira ideia foi o uso do *blog* como ferramenta fundamental para organização das produções e, portanto, como elemento fundamental na avaliação. O *blog* é uma das ferramentas mais simples de manuseio e que permite o desenvolvimento de diversas capacidades no uso das tecnologias, tais como vídeo, áudio, *hiperlinks*, imagens, fotos, *slides* etc.

Sem desconsiderarmos que muitos de nossos alunos chegam à universidade com conhecimentos básicos sobre as tecnologias e outros demonstram temores e resistências, optamos por iniciar o trabalho com uma fundamentação sobre a necessidade do uso dessas tecnologias no espaço/tempo de formação. Partimos de questões que auxiliariam na orientação de nosso trabalho com o *blog* e que consideramos, ainda, como indagações em processo e que constituem a problemática da formação de professores, na atualidade:

- como alunos/alunas do curso de Pedagogia inserem-se no processo de utilização das tecnologias da informação e da comunicação como ferramentas pedagógicas? Que medos são evidenciados? Que demandas são demonstradas?
- Que superações/obstáculos são evidenciados ao experienciar práticas de avaliação formativa? Como fazem para superar os obstáculos?
- Que dificuldades/facilidades emergem no uso das ferramentas tecnológicas disponibilizadas pelas tecnologias digitais?
- Que interações se constituem nesse processo?

Essas questões se tornam necessárias, tendo em vista que, de maneira geral, nossos alunos são parte da geração digital e, de certo modo, entram na universidade com conhecimentos sobre diversos recursos tecnológicos mesmo sem possuírem computador. Para que pudéssemos ter um

quadro mais próximo da realidade dos alunos, foi aplicado um questionário *online*, já que todos os alunos contavam com um endereço eletrônico. Esse questionário foi composto por questões fechadas e abertas, com o intuito de traçar um perfil mais próximo da realidade dos alunos. Foram encaminhados 55 questionários e foram devolvidos 49 questionários, devidamente respondidos e preenchidos. Dos dados recebidos, obtivemos as seguintes respostas:

- 85% dos alunos responderam que possuem acesso à internet em casa;
- 38% possuem conexão via discada, 51% conexão rápida, 8% indicaram que o acesso é feito via rádio e 3% não responderam.
- 49% utilizam a internet desde 4 a 6 anos, 20% desde 7 a 10 anos, 15% desde 1 a 3 anos, 13% há menos de um ano e 3% utilizam a internet há mais de 10 anos.
- 49% acessam a internet diariamente, 31% de três ou mais vezes durante a semana, 13% acessam duas vezes por semana, 3% acessam uma vez por semana e 5% raramente acessam.
- 75% acessam a internet, com maior frequência, em casa; 10% acessam no trabalho; 5% na universidade; 5% na casa de amigos e parentes e 5% em *cybercafés* e *lan houses*.

A priori, com essas informações, poderíamos concluir que os alunos dominavam bem as ferramentas da internet. Entretanto, elas indicam apenas as condições materiais de acesso. É curioso perceber que, no tópico que perguntava sobre a modalidade de conexão, foram colocadas apenas duas alternativas: conexão discada e conexão banda larga. O percentual de 8% indicou, escrevendo a expressão “via rádio” sem assinalar qualquer uma das alternativas dadas. Pelos dados, descobrimos que há um número grande que possui acesso à internet. Procuramos, ainda, intensificar e incentivar o uso do laboratório de informática da faculdade, que conta com 40 computadores conectados em rede. Em seguida, foi o momento de desvendarmos os “segredos” de como fazer um *blog*. As questões abertas indicaram algumas dificuldades a enfrentar: desconhecimento do que era um *blog* e como construí-lo; dificuldades na utilização de ferramentas da internet, como: inserir vídeos e *hiperlinks*; dificuldades em fazer pesquisas selecionando as informações; e dificuldades em editar as produções nos *blogs*. Além desse levantamento, foram observadas as intervenções em sala de aula e o aparente desconforto de alunos na elaboração dos *blogs*. Havia alguns alunos que já possuíam *blogs* pessoais. Nesse sentido, descortinar os sentidos e as funções dos usos do *blog* foi uma de nossas tarefas iniciais. Foi necessário constituir ações que se distanciassem do “tecno-otimismo ingênuo” (tecnointegrados) e do “rechaço medroso da técnica” (tecnoapocalípticos), pois “a era das redes tornou evidente que razão instrumental e razão crítico-reflexiva não são alternativas contrapostas, mas racionalidades conjugáveis e complementares” (Assmann, 2005, p. 14).

3 Mas, O Que É um Blogue? Por Que o Blogue?

O *blog* é uma redução da palavra inglesa *weblog*. *Web* significa rede, *internet*, e *blog* significa diário, como se fosse um diário de bordo. Literalmente, os sentidos indicam que *weblog* é uma espécie de diário mantido na *internet*. A partir daqui, utilizaremos o seu formato aportuguesado – *blogue* – por entendermos a dinamicidade de nossa língua e pelas possibilidades que ela nos fornece no sentido de darmos novas feições a termos de outros idiomas, o que já fazemos com outros vocábulos muito específicos do mundo tecnológico: deletar, escanear, printar, blogar, tuitar etc.

O *blogue* surgiu em fins dos anos 1990 e nada mais é do que uma página pessoal que, no início,

tinha o objetivo de registrar notas e comentários pessoais, com atualizações diárias. À época, o conhecimento da linguagem HTML (*HyperText Mark-up Language*) era extremamente restrito e, com o tempo, foi se expandindo. De acordo com Blood (2000), em meados de 1999, a empresa Pyra lançou o primeiro serviço gratuito destinado à criação de blogues. Em pouco tempo, o número de blogues explodiu em escala mundial e diversos serviços foram criados e disponibilizados gratuitamente com o objetivo de habilitar indivíduos a publicarem seus próprios *weblogs* de maneira rápida e fácil. Recuero (2002) informa que a ideia do blogue apenas como um diário é muito reducionista e isso se comprova pelas finalidades com as quais vem sendo utilizado atualmente. Os blogues têm sido, cada vez mais, utilizados com finalidades informativas, de serviço, de lazer, de diversão, de divulgação, de educação. Conforme Cipriani (2006, p. 28), o blogue é uma página simples disponível na internet e muito fácil de criar e colocar no ar. Além disso, considera que ele possui uma interface agradável e que possibilita a utilização de diversas pessoas sem que elas sejam exímios programadores. Freire (2003) corrobora a definição ao afirmar que se trata de “uma versão virtual dos antigos diários (...), antes privados; atualmente, públicos” (p. 25).

Os blogues apresentam características muito próprias e, por se tratar de uma ferramenta de fácil manuseio, optamos pela sua utilização em nossa disciplina como instrumento de registro, bem como para evidenciar os percursos das aprendizagens. Um aspecto tem chamado muita atenção nos últimos anos: o uso de blogues na educação e a relevância que seu uso tem alcançado no avanço do trabalho pedagógico do professor e nos processos de inovação na sala de aula (Silva, 2008). A revista *Época*, em sua edição de 09/02/2007, na reportagem “Quer aprender? Crie um blog”, apresenta algumas experiências que indicam como o uso de blogues pode incentivar o aluno e despertá-lo para descobrir e redescobrir conhecimentos, além de motivá-lo a participar de forma mais ativa em sua própria formação. Segundo a reportagem, o uso de blogues pode aproximar professores e alunos, instigar maior reflexão sobre assuntos diversos, estabelecer relações entre teoria e prática.

Gomes (2005) ressalta a importância que o blogue educacional tem ganhado em Portugal. A autora afirma que o blogue apresenta com dupla função: como recurso pedagógico e como estratégia pedagógica. Enquanto recurso pedagógico, é um espaço de acesso à informação especializada e sistematizada com fins didáticos e científicos. Como estratégia pedagógica, assume a função de sistematizar e apoiar as aprendizagens e/ou a possibilidade de se constituir como instrumento de avaliação emancipatória. Além disso, os blogues podem funcionar como espaços de debate e interação; espaços de intercâmbio e colaboração, como espaço de disponibilização de informação por parte do professor.

Ao pensar na inserção do manuseio dessa ferramenta nos cursos de formação, estamos contribuindo para que o professor possa vivenciar situações de aprendizagem que o levem a

pensar de forma crítica as potencialidades e as limitações das tecnologias da informação e da comunicação sobre os processos educacionais. Essas vivências contribuem para que possam ser ampliadas as visões acerca dos usos pedagógicos dos recursos inovadores que estão disponíveis. Os blogues podem contribuir para relatar diversas etapas de projetos realizados a partir de um conteúdo, de uma disciplina ou de um conjunto de disciplinas; produzir textos em gêneros textuais diversos que evidenciem o desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita; e divulgar trabalhos realizados no âmbito da educação infantil, da fase de alfabetização das crianças, dentre outras inúmeras possibilidades.

Um aspecto importante é que o papel do professor é essencial como orientador do processo de aprendizagem, pois ele é o sujeito de mediação entre o aluno e os objetos de conhecimento. Conhecer as tecnologias disponíveis e suas possibilidades fornece ao docente subsídios importantes para o planejamento de suas aulas e para a consecução dos objetivos de aprendizagem.

4 Avanços e Desafios na Utilização das Tecnologias na Formação de Professores

Como informado anteriormente, o trabalho com o blogue se inseriu dentro da necessidade de realizarmos uma avaliação com características formativas e que contribuísse para o avanço nos conhecimentos teóricos e práticos acerca da ementa e dos objetivos das disciplinas desenvolvidas no curso de Pedagogia. Diversos contextos delinearão o espaço/tempo da experiência, demarcando dificuldades, resistências, medos, mas, ao mesmo tempo, muito entusiasmo com a “novidade” e avanços na aprendizagem e na ampliação das capacidades de leitura, de escrita, de reflexão. Isso reflete o que Assmann (2005) pensa a respeito:

As novas tecnologias da informação e da comunicação já não são meros instrumentos no sentido técnico tradicional, mas feixes de propriedades ativas. São algo tecnologicamente novo e diferente. As tecnologias tradicionais serviam como instrumentos para aumentar o alcance dos sentidos (braço, visão, movimento etc.). As novas tecnologias ampliam o potencial cognitivo do ser humano (seu cérebro/mente) e possibilitam mixagens cognitivas complexas e cooperativas (p. 18).

Nosso intento foi ampliar as possibilidades de conhecimento, dentro de uma concepção que promova a inclusão de professores e futuros professores na *knowledge society* (sociedade do conhecimento), não só desenvolvendo e dominando habilidades de manuseio das ferramentas

tecnológicas digitais, mas, também, ampliando sua rede cognitiva e sua atuação crítica no mundo contemporâneo. Ristoff (2010) aponta a necessidade de se fazer a inclusão digital de crianças, jovens e adultos a partir do professor e da escola com vistas à ampliação das capacidades críticas dos sujeitos:

Estamos em uma nova era: o usuário linkado questiona, e não raro com razão, as recomendações do médico, a originalidade do artista, o conhecimento do professor. O acesso fácil à informação gerou a era do espanto, da instabilidade de doutores, mestres e pseudoespecialistas! Não sabe? Não pergunte ao professor! Pergunte à inteligência democrática: pergunte ao Google! Para que esta inteligência democrática possa ganhar escala e servir à humanidade, a Escola precisa tornar a inclusão digital a sua palavra de ordem. Para isso, terá que conviver com a aprendizagem auto-organizada e lidar com tecnologias que tolerem múltiplas trajetórias pedagógicas. Ou seja, a educação terá que ter compromisso inarredável com a inovação (p. 7).

Daí, a relevância de se criar uma cultura de inserção das tecnologias na formação de professores. Sabemos que o processo não é simples. É preciso romper com estruturas arraigadas há muito tempo e dissolver os receios das tecnologias digitais. Em nossa experiência, os medos estiveram presentes, mas não se tornaram grandes entraves. Toda e qualquer inovação gera ansiedades, receios, resistências, temores, inseguranças. Alguns alunos receberam a proposta com maior resistência por alguns motivos elencados por eles, compreensíveis, e percebidos em seus registros nos blogues: mudanças no currículo do curso de Pedagogia, realização de estágio supervisionado, elaboração do trabalho de conclusão de curso e o desenvolvimento das demais disciplinas. Para ilustrar o clima de tensão que se instalou, destacamos uma postagem de um blogue elaborado por uma aluna em sua fase inicial:

... confesso ter ficado um pouco assustada com a proposta de uma avaliação realizada através de um portfólio eletrônico. (...) Apesar de estar familiarizada com a proposta, agora era diferente. Eu tinha que fazer o meu próprio portfólio e ainda por cima usando as ferramentas de um blog!!! Algumas colegas também tiveram certa "resistência" a essa ideia (<http://thathiferreira.blogspot.com>).

O blogue foi construído individualmente, porém poderia contar com produções coletivas e com contribuições de outros colegas, estabelecendo uma rede de colaboração nas aprendizagens. A maioria dos alunos compreendeu melhor a proposta e a importância de utilizar as tecnologias da informação e da comunicação nos processos educacionais, assumindo, assim, o desafio de elaborar o trabalho com o blogue. Esta postagem representa bem essa nossa percepção:

Nós comentamos o texto “Construindo o Portfólio Eletrônico” (...) que fala sobre a construção de um portfólio, mais especificamente de um portfólio eletrônico, como avaliação formativa (...). O texto era tão interessante e nós estávamos tão curiosas por saber mais sobre o portfólio eletrônico, que até nos surpreendemos quando o professor pediu que fizéssemos uma pausa na leitura para iniciarmos as discussões e vimos que só faltavam três páginas para o fim do texto. Raros momentos de leitura e discussão sem assuntos alheios à temática da aula... (risos). Então, ao iniciarmos as discussões, confirmamos nossas suspeitas: o portfólio eletrônico era de fato um BLOG. Seria a nossa avaliação da disciplina TAE de Língua Portuguesa neste período (2009/1). Uma novidade, já que estamos demasiadamente acostumados com as famigeradas resenhas. Primeiro, o medo. Depois, a certeza de que seria uma ótima forma de mostrarmos o que realmente somos e o que podemos fazer (<http://nsaguiar.blogspot.com>).

Esses registros representam o entendimento da importância do blogue no processo de construção do conhecimento: constituição da autonomia, manuseio dos recursos tecnológicos, superação da avaliação tradicional. Os registros nos blogues eram semanais e deveriam apresentar impressões, sensações e reflexões sobre as aulas, sobre os textos discutidos, sobre as atividades realizadas. Em seguida, foram definidos os propósitos gerais da elaboração do portfólio eletrônico. Os propósitos são os orientadores para o trabalho pedagógico. Dessa forma, as decisões tomadas sistematizam as necessidades de evidenciar os conhecimentos em processo, bem como aqueles que se consolidaram e os que ainda apresentam certos conflitos.

Os propósitos gerais definidos foram:

- manusear múltiplas ferramentas tecnológicas, proporcionando a expressão de linguagens diferenciadas e a evidência de aprendizagens múltiplas;
- proporcionar a integração entre teoria e prática no âmbito das discussões pedagógicas e educacionais;
- evidenciar os processos de aprendizagem relativos às capacidades de manuseio das ferramentas tecnológicas digitais, articulando-as à expressão do pensamento reflexivo e crítico do conhecimento específico das disciplinas;
- vivenciar a avaliação formativa como princípio teórico/prático para o trabalho pedagógico do professor e dos graduandos de modo a propiciar uma atuação conjunta e colaborativa para promover as aprendizagens; e
- sistematizar as produções para evidenciar os progressos nas aprendizagens.

Além disso, cada aluno deveria elaborar, pelo menos, um propósito específico, definindo objetivos próprios acerca do seu percurso de aprendizagem:

Utilizar o Blog para refletir e discutir sobre os textos lidos na disciplina Tendências Atuais da Língua Portuguesa I e também aprender a utilizar a tecnologia no processo de construção de conhecimento (<http://leiasemmoderacao.blogspot.com>).

Desenvolver o uso das novas tecnologias como elemento facilitador e enriquecedor no desenvolvimento da disciplina (<http://mцемfronteiras.blogspot.com>).

Buscar diferenciar a minha formação acadêmica, aproveitando todas as tecnologias possíveis no auxílio da construção de novos saberes (blog, slides...)
<http://alfabetizaomentaei.blogspot.com>.

Definidos os propósitos gerais e específicos, passou-se para a elaboração dos descritores. Os descritores servem como balizadores para avaliação do professor e, conseqüentemente, contribuem para que o aluno construa um processo de autoavaliação. São, portanto, os descritores: cumprimento dos propósitos gerais e específicos; cumprimento de prazos; construção processual; organização que facilita a compreensão das produções; apresentação de análise/reflexão das produções e de outros materiais incluídos; correção linguística das produções; utilização de múltiplas linguagens (fotos, vídeos, áudio etc.); existência de materiais complementares relacionados às temáticas discutidas; apresentação de síntese conclusiva e apresentação de avaliação final do processo de construção e elaboração do portfólio eletrônico.

Um outro momento importante desse processo foram as socializações. Elas tiveram o objetivo de apresentar avanços, dificuldades e caminhos para superar os obstáculos de cada um dos alunos. Na primeira socialização, já era possível perceber alguns indícios de que o trabalho apresentava características de inovação:

Antes eu não navegava, eu me afogava. Agora, me sinto segura no leme do meu portfólio e posso cruzar o oceano (Aluna, Turma 1).

... a possibilidade de acrescentar o que acharmos relevante para o nosso aprendizado, sem prévia "autorização" do professor ou mesmo que tenha sido solicitado é o que acredito que faz com que o portfólio eletrônico seja uma ferramenta instigante e se consubstancie como uma inovação (Aluna, Turma 2).

Um aspecto interessante que emerge dessa socialização é a afirmação da aluna sobre sua capacidade de tomar decisões. Isso expressa sua capacidade de constituir-se como sujeito que produz o conhecimento e que se coloca de forma ativa nesse processo.

5 Dos Intertextos... das Provisoriedades...

Quando pensamos nos intertextos, estamos relacionando as possibilidades outras de conexão com outros sentidos, com outros textos. Aqui, objetivamos, de forma ainda provisória, apresentar alguns achados da experiência que vem se constituindo no uso de blogues na formação de professores. Apresentamos alguns trechos das produções escritas e divulgadas nos respectivos blogues. Elas já indicam algumas categorias evidenciadas com a experiência.

- *Caráter inovador:*

Lembro do início da construção desse portfólio como se fosse hoje e tenho certeza de que é algo que me marcou e irei recordar por toda minha vida. Foi de fato uma **inovação** (*sic*) muito grandiosa, nunca tinha construído um blog e vivenciado uma avaliação contínua de verdade (<http://quasepedagoga.blogspot.com>).

- *Aproximação entre teoria e prática:*

... a forma inovadora proposta pelo docente onde sugeria um blog que serviria de portfólio para a avaliação formativa do discente me surpreendeu. (...) Foi mais que a mera leitura de textos e execução de trabalhos interessantes, era um trabalho de tematizações críticas entre teoria, prática e realidade (<http://doideusodeperto.blogspot.com>).

- *Formação do Sujeito-Autor / Sujeito-Produtor e desenvolvimento da autonomia:*

Com esse tipo de avaliação consegui ver a construção da minha aprendizagem, pois no início não sabia o que iria fazer e como o portfólio iria me ajudar e ao longo do tempo pude perceber que com o blog desenvolvi minha escrita e leitura, e desenvolvi a minha autonomia que é tão importante na construção de qualquer aluno (<http://lalamelo.blogspot.com>).

- *Desenvolvimento das capacidades de manusear múltiplos recursos das TICs:*

Outro ponto que posso destacar é quanto ao uso das ferramentas tecnológicas, apesar de não dominar ainda o uso destas, foi com esse portfólio que me interessei mais em aprender a manuseá-las e encarei isso como um desafio para mim. Aprendi bastante com a construção desse portfólio, e hoje o vejo como uma forma super válida e interessante de avaliação (<http://econtroacademico.blogspot.com>).

- *Subsídio ao trabalho do professor e a autoavaliação do aluno:*

O meu portfólio é um objeto de avaliação não somente para o orientador desta disciplina, mas principalmente para mim. Através dele venho acompanhando o meu desenvolvimento dentro dos temas abordados nesta disciplina e fico satisfeito em acompanhar o meu avanço nestas discussões (<http://expressoesdopensamento.blogspot.com>).

Apesar dos avanços sentidos, não é possível fugirmos a alguns desafios que se colocam como necessários de serem enfrentados: racionalizar a articulação tempo/produção/elaboração dos blogues por parte dos alunos, tendo em vista que muitos trabalham e desenvolvem outras atividades; incrementar a parceria colaborativa entre os alunos; ampliar as possibilidades de constituição da autonomia e das capacidades de tomar decisões sobre o próprio processo de construção do conhecimento; e ampliar o conceito de “evidência das aprendizagens e atitude crítico-reflexiva”.

Enfim, sabemos que os desafios são grandes com relação aos usos das tecnologias da informação e da comunicação no espaço/tempo de nossas salas de aula. É importante deixar claro que não defendemos o seu uso acriticamente. Entendemos que essas tecnologias, por si só, não garantem transformações significativas no sucesso das aprendizagens dos alunos. Além disso, compreendemos que elas são nossa criação, resultado de nosso trabalho, de nossa intervenção junto à natureza. Por outro lado, a sua inserção nas salas de aula é uma realidade sem volta. Mesmo que ainda venha acontecendo a passos lentos, é primordial refletirmos sobre suas potencialidades no processo de organização do trabalho pedagógico. Não podemos negar essa faceta sob o risco de nos instalarmos numa base tecnofóbica, tecnofílica e imobilizante diante do processo de mutações constantes da sociedade contemporânea. Diante do cenário que está à nossa frente, é fundamental que as faculdades de educação e os cursos de formação de professores favoreçam a ampliação do debate sobre a configuração de uma nova escola, de uma nova sala de aula, de um novo professor.

Referências

ASSMANN, Hugo (Org.). *Redes digitais e metamorfose do aprender*. Petrópolis: Vozes, 2005.

BLOOD, Rebecca. *Weblogs: a history and perspective*. 2000. Disponível em: <www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html>. Acesso em: 30 abr. 2009.

CIPRIANI, Fábio. *Blog corporativo*. São Paulo: Novatec, 2006.

EASLEY, Shirley-Dale; MITCHELL, Kay. *Portfolios matter: what, where, when, why and how to use them*. Ontário, Canadá: Pembroke Publishers, 2003.

FREIRE, Fernanda M. P. A palavra (re) escrita e (re) lida via internet. In: SILVA, Ezequiel T. da (Coord.). *A leitura*

nos oceanos da internet. São Paulo: Cortez, 2003. p. 19-28.

GOMES, Maria João. *Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE INFORMÁTICA EDUCATIVA, 7., 2005, Leiria: Escola Superior de Educação de Leiria, Portugal. *Actas...* Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4499/1/Blogs-final.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2009.

GRILO, João Maria; MACHADO, Constança Gomes. “Portfólios” reflexivos na formação de professores de biologia e geologia: viagens na terra do eu. In: SÁ-CHAVES, Idália da Silva Carvalho. *Os “portfólios” reflexivos (também) trazem gente dentro: reflexões em torno de seu uso na humanização dos processos formativos*. Porto, Portugal: Porto Ed., 2005. p. 21-49.

KENSKI, Vani M. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2006.

LION, Carina Gabriela. Mitos e realidade na tecnologia educacional. In: LITWIN, Edith (Org.). *Tecnologia educacional: política, história e propostas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 23-36.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHERENS, Marilda A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 12. ed. São Paulo: Papyrus, 2000. p. 33-44.

RECUERO, Raquel. *Weblogs, webrings e comunidades virtuais*. 2002. Disponível em: <www.pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2009.

REVISTA ÉPOCA. *Quer aprender? Crie um blog*. 09/02/2007. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI56273-15228,00-QUER+APRENDER+CRIE+UM+BLOG.html>>. Acesso em: 30 nov. 2009.

RISTOFF, Dilvo. A educação pós-Twitter: *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 jan. 2010. Caderno Opinião.

SÁ-CHAVES, Idália da Silva Carvalho. Porta-fólios: no fluir das concepções, das metodologias e dos instrumentos. In: ALMEIDA, Leandro S.; TAVARES, José (Org.). *Conhecer, aprender, avaliar*. Porto, Portugal: Porto Ed., 1998.

_____. *Os “portfólios” reflexivos (também) trazem gente dentro: reflexões em torno de seu uso na humanização dos processos formativos*. Porto, Portugal: Porto Ed., 2005.

SILVA, Adriana da. *Blog educacional: o uso das novas tecnologias no ensino*. *Vertentes*, São João del-Rei: UFSJ, n. 31, p. 75-84, jan./jun. 2008.

SIMÃO, Ana Margarida Veiga. “O “portfólio” como instrumento na auto-regulação da aprendizagem: uma experiência no ensino superior pós-graduado”. In: SÁ-CHAVES, Idália da Silva Carvalho. *Os “portfólios”*

reflexivos (também) trazem gente dentro: reflexões em torno de seu uso na humanização dos processos formativos. Porto, Portugal: Porto Ed., 2005. p. 83-100.

VEIGA, Ilma Passos de Alencastro. Projeto de ação didática: uma técnica de ensino para inovar a sala de aula. In: VEIGA, Ilma Passos de Alencastro (Org.). *Técnicas de ensino: novos tempos, novas configurações.* Campinas: Papirus, 2006. p. 69-84.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de F. *Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico.* Campinas: Papirus, 2004.

_____. Saeb, Enem, “provão”: onde fica a avaliação escolar? In: SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete Shizue B. (Org.). *Reflexões sobre a formação de professores.* Campinas: Papirus, 2002. p. 31-70.

Dados do autor:

*Ivanildo Amaro de Araújo

Doutor em Educação – Unicamp – e Professor – Departamento de Formação de Professores/Faculdade de Educação da Baixada Fluminense/Universidade do Estado do Rio de Janeiro/FEBF/UERJ.

Endereço para contato:

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – Departamento de Formação de Professores/FEBF/UERJ

Rua Manuel Rabelo, s/n – Vila São Luiz

25.065-050 Duque de Caxias/RJ – Brasil

Endereço eletrônico: ivanamaro.uerj@gmail.com

Data de recebimento: 30 jan. 2010

Data de aprovação: 28 abr. 2010